

OS ESTRANGEIRISMOS EM SALA DE AULA

***Bruna Santos de Paula¹, Valdir Aparecido Floriano², Vergília Mendes Santos³,
Teresinha de Fátima Nogueira⁴***

¹Universidade do Vale do Paraíba, Letras, Praça Ribeiro Leite, 50 – Centro
CEP 12380-000 – Santa Branca – SP, brunaspaula@gmail.com.br

² Universidade do Vale do Paraíba, Letras, Rua dos Ferroviários, 831 - Jardim Mesquita
CEP 12327-683 – Jacareí – SP, valdir.floriano@yahoo.com.br

³ Universidade do Vale do Paraíba, Letras, Rua Manoel Martins da Silva, 122 – Altos de Santana II
CEP 12300-000 – Jacareí – SP, markete.matos@ig.com.br

⁴ Universidade do Vale do Paraíba, Letras e IP&D, Rua Tertuliano Delphim Jr., 181 - Jardim Aquarius
CEP 12246-080 - São José dos Campos - SP, terenog@univap.br

Resumo - Este artigo tem como objetivo relatar a pesquisa em andamento sobre o uso de palavras estrangeiras no contexto escolar. Até o presente momento foram pesquisadas as visões de vários estudiosos sobre a interferência dos estrangeirismos no português brasileiro. Alguns dos autores pesquisados, como Faraco (2004) e Soares (2005), defendem positivamente o emprego de palavras estrangeiras e suas contribuições para o enriquecimento do léxico, pois elas podem incorporar informações novas que não existam no idioma nacional. Outros, porém, como Aldo Rebelo (2004) e Pilla (2005), criticam ferozmente o uso de termos estrangeiros dentro da língua portuguesa por acreditarem que tal fenômeno lingüístico implica uma profunda descaracterização de nossa língua materna. A partir desses estudos, julgamos que o uso de palavras estrangeiras não é nocivo à integridade do idioma desde que sejam utilizadas como um acréscimo semântico e não como uma banalização das palavras já existentes. Em um segundo momento, coletaremos dados com alunos e professores para saber se os estrangeirismos adentraram no contexto escolar, verificando o modo de falar dos estudantes e qual é a postura adotada pelos educadores de língua materna ao tratarem ou não este tema em sala de aula.

Palavras-chave: estrangeirismo, idioma, português, alunos, professores

Área do Conhecimento: Letras, Lingüísticas e Artes

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento que visa discutir a questão do uso de estrangeirismos no contexto escolar.

Para o presente estudo apresentamos a definição do que vem a ser estrangeirismo e o posicionamento de alguns autores em relação a este tema. De um lado, há os que defendem o emprego de palavras estrangeiras e sua contribuição para o enriquecimento do léxico.

Por um outro lado, há aqueles que criticam negativamente seu uso por julgarem que implica descaracterização do idioma materno.

O objetivo de nosso trabalho é mostrar a visão dos teóricos pesquisados sobre o assunto em questão.

Materiais e Métodos

Para atingirmos o objetivo proposto, discutiremos a questão do uso de estrangeirismo na visão de alguns autores a partir de duas visões: os que são contra seu emprego pela comunidade de falantes brasileira e os que são a favor de sua

apropriação. Em um outro momento, ainda em andamento, faremos um questionário junto a alunos e professores de algumas escolas públicas e particulares na região de São José dos Campos, SP, para verificarmos se há utilização de termos estrangeiros pelos educandos na sala de aula e qual é a ação dos docentes de língua portuguesa diante de tal ocorrência.

Neste artigo apresentaremos somente a visão dos autores pesquisados com referência ao tema abordado.

Resultados

A língua portuguesa provém do latim vulgar, forma inculta do idioma, falado pelo povo de Roma (comerciantes, lavradores, viajantes, funcionários administrativos, soldados, etc...), e levado à Península Ibérica pela dominação romana.

Do século III a.C. até o século V d.C. o latim vulgar era a língua predominante na península conquistada e sofreu muitas modificações e influências dos mais diversos dialetos e línguas que por lá já existiam.

Com o fim do Império Romano a língua latina transformou-se numa mistura entre o latim vulgar e os dialetos ibéricos, surgidos ao longo de séculos de invasão, e deu origem ao romanço ou romance.

Nas várias regiões da Península eram falados diferentes romanços e suas características básicas deram origem às línguas românicas ou neolatinas, como, por exemplo, o galego-português.

Com o passar do tempo, as diferenças entre o galego e o português foram acentuadas e, aproximadamente no século XIV, cada um deles passa a ser uma língua autônoma.

Através do contato com outras línguas o léxico português constituiu-se, além do latim, de vocábulos de origem germânica, árabe, provençal, francesa, espanhola, italiana, inglesa, indígena (Tupi), africana entre outras.

Do contato com outras línguas vieram, também, os chamados estrangeirismos.

Vários estudiosos da linguagem apresentam sua conceituação em relação ao assunto, mas adotamos, neste estudo, a definição de Faraco (2004:09) que assim se pronuncia: estrangeirismos são as *palavras e expressões de outras línguas, usadas correntemente em algumas áreas do nosso cotidiano...*

De acordo com as pesquisas realizadas até o momento, notamos que este tema é debatido positiva e negativamente entre diversos teóricos da área da linguagem e de outros campos de nossa esfera social.

O professor do Departamento de Língua Portuguesa da PUC de São Paulo e coordenador do Projeto NURC (Projeto de Estudos da Norma Lingüística Urbana Cultural do Brasil) Dino Pretti (apud Flexa, 2000:38) afirma: *Não há como controlar a dinâmica da língua. Ela é um produto de evolução social. (...) Os estrangeirismos contribuem no nível mais superficial da língua que é o léxico, o vocabulário. As estruturas sintáticas e morfológicas da língua não sofrem alteração. Os estrangeirismos não possuem força destruidora que puristas e defensores da língua atribuem.*

Em crítica ao projeto do deputado Aldo Rebelo contra o uso de estrangeirismos, Faraco (2004:44) diz: *O projeto de Aldo Rebelo poderia ser visto apenas pelo seu lado grotesco; ou como um oportunismo face a seus evidentes efeitos midiáticos. Machado de Assis, aliás, se vivo fosse, estaria se deliciando em ironizar as “boas intenções” do deputado, como o fez em suas belas crônicas contra a cruzada antiestrangeirismos do médico Castro Lopes nos fins do século XIX.*

Já Aldo Rebelo (2004:169) defende-se com o seguinte argumento: *Apesar das regras por vezes tortuosas, o português é belo, pródigo e preciso, dotado de recursos léxicos suficientes para acompanhar as inovações, descobertas, invenções e mudanças que transformam o mundo.*

O deputado tem o apoio de Éda Heloísa Pilla (2005:30), autora do livro “Os Neologismos do Português e a Face Social da Língua”, que enfatiza: *Para cada palavra estrangeira que adotamos deixa-se de criar ou desaparece uma já existente.*

Discussão

O desinteresse de grande parte da sociedade em relação aos estudos lingüísticos no Brasil e a conseqüente desinformação social a respeito das pesquisas científicas já realizadas sobre a evolução do nosso idioma contribui exponencialmente para que teorias simplistas de alguns xenófobos ganhem grande espaço na mídia.

Muitos dos estrangeirismos utilizados pela comunidade de falantes brasileira foram adaptados e transformaram-se, com o tempo, em empréstimos lingüísticos que enriqueceram o nosso português.

Segundo Carvalho (1987: 55) os empréstimos lingüísticos são neologismos por adoção, ou seja, a palavra estrangeira que é incorporada à língua.

Diante do que foi lido, na nossa visão, o uso de palavras estrangeiras não é prejudicial à integridade do idioma desde que sejam apresentadas como acréscimo semântico e não como uma banalização das palavras já existentes.

A palavra *sandwich*, por exemplo, levou aproximadamente um século para transformar-se em “sanduíche”, um empréstimo funcional e de importante papel semântico dentro da língua. O mesmo aconteceu com palavras como: futebol, abajur, chofer, etc.

Tais exemplos figuram contrariamente ao conceito defendido por Pilla, já citado neste artigo.

Quanto ao argumento apresentado pelo deputado Aldo Rebelo temos a afirmar que os estrangeirismos, ao sofrerem adaptações e transformarem-se em empréstimos, surgem como uma criação em que a língua portuguesa assume um papel majoritário e ativo, o que pode ser mostrado pela análise das palavras exemplificadas acima.

A ação conjunta de uma língua com o português na constituição do léxico enriquece o processo formador do mesmo e não diminui o poder lingüístico do nosso idioma.

Nosso próximo passo será pesquisar os estrangeirismos em sala de aula, junto a alunos e professores de língua portuguesa de escolas de educação básica, das redes pública e particular.

Conclusão

Baseados em nossas pesquisas até o presente momento, concluímos que os estrangeirismos não

são ofensivos à língua materna como alguns autores acreditam. Eles contribuem como pilares fortalecedores do léxico em ocasiões em que não há nenhuma outra definição equivalente em termos nativos.

Os livros didáticos recentes vêm tratando, mesmo que timidamente, da questão dos estrangeirismos. Isto indica que o tema já começa a ter alguma visibilidade e importância no meio escolar e a tendência, pelo menos é o que esperamos, é que o interesse pelo assunto cresça cada vez mais, o que servirá de incentivo ao desenvolvimento dos estudos lingüísticos no Brasil.

O emprego de palavras ou expressões estrangeiras na fala dos estudantes e a postura dos professores diante de tal fenômeno será objeto da próxima etapa de nossa pesquisa.

Referências

CARVALHO, Nelly. *O que é Neologismo*. São Paulo. Brasiliense, 1987. pág. 75.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos da Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

FARACO, Carlos A. . *Estrangeirismos – Guerras em Torno da Língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 3ª ed., 2004.

FLEXA, Rodrigo Arco e. *Em Bom Português* In: Revista Problemas Brasileiros, jan/fev. 2000, pág. 38-42

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo. Editora Saraiva, 7ª ed., 1998.

PILLA, Éda Heloísa. *A Gestão do “Portinglês”*. In: Revista Língua Portuguesa, ed. 9, 2005, p. 30

REBELO, Aldo. *Estrangeirismos – Guerras em Torno da Língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 3ª ed., 2004

SOARES, Maria Elias. *A Gestão do “Portinglês”*. In: Revista Língua Portuguesa, ed. 9. 2005. pág. 29.